

A Velhice como marca da Atualidade: Uma Visão Psicanalítica

Old age as a mark of Today: A Psychoanalytic View

La vejez como una marca de hoy: una visión psicoanalítica

Bruna Rodrigues da Silva¹

Ana Lúcia Finocchio²

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo: Uma das características marcantes das últimas décadas é o processo de envelhecimento da população brasileira, decorrente da atual situação demográfica. A velhice refere-se ao estágio do ciclo de vida que começa aos 65 anos de idade. Idosos tidos como despossuídos; incapacitados; inaptos para o trabalho e impossibilitados para cumprir seus deveres básicos de cidadania, assim como a própria realidade demográfica, contribuem para a institucionalização do idoso em asilos. O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a perspectiva atual do idoso a partir do referencial teórico da psicanálise e possibilitar uma maior humanização aos asilados. A estratégia empregada para subsidiar estas reflexões consistiu em pesquisas bibliográficas e uma pesquisa de campo, realizada em uma instituição asilar de uma cidade do noroeste Paulista. Utilizou-se de dinâmicas de grupo priorizando-se a comunicação. O fenômeno do envelhecimento é uma realidade atual e crescente, o que torna relevante estudar mecanismos que ajudem essa população a ter uma vida digna e de qualidade.

Palavras - chave: idoso, humanização, asilo, institucionalização.

Abstract: One of the striking features of recent decades is the aging of the population, due to the current demographic situation. The age refers to the stage of life cycle that begins at age 65. The elderly are taken as dispossessed, unabled, unfit for work and unable to fulfill its basic duties of citizenship, as well as the own demographic reality, contribute to the institutionalization of the elderly in nursing homes. This article aims to reflect on the current perspective of the elderly in the theoretical framework of psychoanalysis and allowing a greater humanization to asylums. The strategy employed to support these ideas consisted of literature searches and field research, conducted in a nursing home in a northwest town of Sao Paulo. It was used group dynamics giving priority to the communication. The phenomenon of aging is a current and growing reality, which makes it relevant to study mechanisms that help this population to have a decent life and with quality.

Keywords: elderly, humanization, asylum, institutionalization

Resumen: Uno de los rasgos más llamativos de las últimas décadas es el envejecimiento de la población brasileña, debido a la situación demográfica actual. La vejez se refiere a la etapa del ciclo de vida que comienza a los 65 años. Mayores vistos como desposeídos, discapacitados, incapaces de trabajar y no pueden cumplir sus funciones básicas de ciudadanía, así como la propia realidad demográfica, contribuyen a la institucionalización de los ancianos en los asilos de ancianos. En este artículo se pretende reflexionar sobre la perspectiva actual de los ancianos en el marco teórico del psicoanálisis y permitir una mayor humanización de los solicitantes de asilo. La estrategia empleada para apoyar estas ideas consistió en búsquedas en la literatura y la investigación de campo llevada a

¹ Graduanda do curso de Psicologia da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Paranaíba. Avenida Presidente Kennedy, n1613, Centro, 15760-000, Urânia, SP, Brasil. E-mail: bruno_ninha_rs@hotmail.com

² Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS/Curso de Psicologia, Campus de Paranaíba - MS

cabo en un hogar de ancianos en una ciudad en el noroeste de São Paulo. Se utilizó la dinámica de grupo dando prioridad a la comunicación. El fenómeno del envejecimiento es una realidad hoy día y cada vez mayor, lo que hace relevante el estudio de mecanismos que ayuden a esta población para tener una vida digna y de calidad.

Palabras clave: personas mayores, la humanización, el asilo, la institucionalización

Introdução:

Uma das características marcantes nas últimas décadas é o processo de envelhecimento demográfico. O mesmo repercute nas esferas sociais, econômicas, políticas e culturais da sociedade, pois assim como crianças, jovens e adultos, os idosos também possuem necessidades específicas para garantir uma condição de vida adequada (Siqueira, Botelho e Coelho, 2002).

O aumento deste processo (envelhecimento) provém da atual organização demográfica mundial, na qual há uma redução no número de crianças e jovens e um crescimento da população adulta e idosa, decorrente da queda na taxa de natalidade e aumento da expectativa de vida. Em 2008 os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) marcavam 9,4 milhões de pessoas com 70 anos ou mais, representando 4,9% da população total (IBGE, 2009). O número de pessoas idosas no Brasil cresceu em 1960, de 3 para 7 milhões em 1975 e para 14 milhões em 2002, estimando-se assim, um total de 32 milhões de idosos no País em 2020 (Souza, Freitas e Queiroz, 2007).

Na sociedade moderna, uma marca que atinge a população idosa é o descaso com os mesmos. Os idosos tidos como despossuídos, incapacitados, inaptos para o trabalho e impossibilitados para cumprir seus deveres básicos de cidadania têm como destino as instituições asilares (Maffioletti, 2005). A busca de um número cada vez maior de integrantes da família no mercado de trabalho, inclusive da mulher, também faz com que o número de idosos em asilos aumente, pois diminui possíveis cuidadores para o idoso. (Perlini, Leite e Furini, 2007).

Assim, de acordo com a atual organização da população, percebe-se a necessidade de voltar à atenção para a qualidade de vida dos idosos, principalmente dos que vivem em instituições, já que, segundo o Art. 8º do Cap. I, presente na Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, “o envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social...” (Presidência da República / Casa Civil- Lei Nº 10.741, de outubro de 2003).

O presente artigo tem como objetivo central refletir sobre a perspectiva atual do idoso asilado e possibilitar uma maior humanização aos mesmos, à luz do referencial psicanalítico. A estratégia empregada para subsidiar empiricamente esta reflexão consiste em pesquisas bibliográficas e uma pesquisa de campo.

Algumas considerações sobre a velhice: Uma visão psicanalítica

Um dos primeiros pesquisadores a considerar o desenvolvimento da personalidade como um processo contínuo ao longo da vida, foi Erik Erikson (1902-1994) que se baseava no princípio epigenético. Segundo esta perspectiva, o desenvolvimento ocorreria em estágios sequenciais definidos, sendo necessário que se desenvolvessem de forma satisfatória para que o desenvolvimento ocorresse com tranquilidade (Sadock, 2007).

Segundo Erikson as pessoas idosas pertencem ao último estágio do ciclo de vida (60 anos até a morte), conhecido como Integridade versus Desespero. A integridade ocorre quando há aceitação da própria vida, como algo que tinha que ser e não permitia alternativas. O desespero ocorre quando a busca pela integridade fracassa trazendo a sensação de que o tempo é curto para experimentar novos caminhos a fim de alcançar a integridade. O indivíduo se torna aborrecido com o mundo externo e desdenhoso com outras pessoas e instituições. A resolução bem sucedida dessa crise levaria a sensação de ter vivido bem, caso contrário, o sujeito sente por não ter outra chance de viver novamente (Sadock e Sadock 2007).

A psicologia do desenvolvimento tenta traçar determinados comportamentos para determinadas idades cronológicas e período de vida. Freud reinscreveu o sujeito sob uma perspectiva avessa ao desenvolvimento, salientando que as primeiras marcas deixadas no sujeito, através da intervenção do Outro, nunca se perdem, e sim formam um conjunto que servirá como pólo de atração para outros traços. Não admitia, pois, que o sujeito durante sua constituição passaria por determinadas fases, que mais tarde seriam deixadas para trás e complementadas pelas seguintes (Mucida, 2006).

Freud nada escreveu especificamente sobre a velhice, talvez por considerar as defesas deste estágio muito assentadas e sem tempo suficiente para correções e mudanças subjetivas (Mucida, 2006).

A teoria psicanalítica associa o sujeito à idéia do inconsciente, sendo que este último não envelhece. Sendo assim, a velhice não modifica o psiquismo. O envelhecimento é caracterizado pelas perdas, desinvestimentos e investimentos objetivos. A velhice impõe, pois, o luto dos objetos perdidos e a criação de novas vestimentas para o desejo a partir dos traços marcados por cada indivíduo. (Mucida, 2006).

A velhice é um destino singular, onde cada um envelhece a seu próprio modo, pois cada um inscreverá algo que lhe é próprio, ou seja, o escrito será reinscrito e reatualizado a partir dos traços de cada um. Os traços não são, pois, perdidos, são reinscritos (Mucida, 2006).

Um aspecto interessante no processo de envelhecimento é a visão que a pessoa idosa tem de si mesma. Na verdade, o sujeito vê sua velhice pelo olhar do Outro, ou pela imagem que o Outro faz dele, assim “velho” é sempre o outro. (Mucida, 2006).

Uma questão bastante presente ao tratar sobre a velhice é a morte. O medo da morte localiza-se entre o eu e o superego diante de um perigo externo ou interno que causa angústia, e está associada à perda do investimento libidinal. Desta forma, o sujeito se desinveste libidinalmente do mundo. O que existe na velhice é o amedrontamento da morte do desejo e não da morte em si, já que o inconsciente a desconhece. Vale ressaltar que este desejo não se mede pela idade cronológica, e sim pela relação que o sujeito estabelece com os objetos (Mucida, 2006).

Deste modo, segundo Mucida (2006), suportar a velhice é na verdade suportar que as coisas não se escrevem mais como antes e que a morte faz parte da realidade de todos.

A institucionalização do idoso

É grande o número de idosos que necessitam de atenção institucional. Apenas 5% dos idosos estão institucionalizados em asilos, porém, em média, 35% necessitam de atenção da instituição em algum momento da vida. Em 1980 menos de 2 milhões de idosos viviam em asilos, já em 2000, há um aumento desse número, sendo a expectativa para 2040 de mais de 4 milhões de idosos institucionalizados (Sadock e Sadock 2007).

A fragilidade é o fator decisivo, porém não o único que leva à dependência e incapacidade. As mesmas podem ser acarretadas por eventos sociais e psicológicos, e está interligada a aspectos mentais, físicos, econômicos, sociais e emocionais. A dependência é vista como um fenômeno negativo e estressante, exigindo da família um alto grau de exigências (Torres, Gasparetto Sé e Queroz, 2004), que podem contribuir para o abandono do idoso e entrega de seus cuidados ao asilo.

As internações em instituições de longa permanência podem ocorrer por diferentes motivos, tais como: econômico, onde a família não tem como sustentar a si e ao idoso; estrutural, em que não há pessoas disponíveis para cuidar do idoso; presença de doenças ou comprometimentos graves com os quais a família não consegue lidar sozinha; psicológico, situação na qual a família não se dá bem entre si e com o idoso, ou ainda pela própria decisão do idoso de mudar-se para o asilo (Torres, Gasparetto Sé e Queroz, 2004).

Os asilos, na maioria das vezes, representam a mais incisiva marca segregatória ao idoso. Os habitantes são idosos aposentados ou não, sujeitos incapazes de se manter sozinhos, podendo ser portadores ou não de doenças que causam comprometimentos. Dentro deste contexto, há um apagamento de traços particulares em função do bom funcionamento da rotina: são as mesmas

comidas; mesmo horário para as refeições, banho e outras atividades; uniformização dos quartos; além do excesso de medicalização e calmantes. Portanto, os sujeitos têm de deixar para trás suas lembranças; hábitos; gostos e escolhas para adequarem-se ao grupo (Mucida, 2006).

Diante desta realidade, há a formação de sintomas que buscam na verdade, escrever o particular. Assim, alguns indivíduos podem desenvolver manias de pegar objetos transformando-os em adereços para o quarto ou em objetos transicionais. Há aqueles que permanecem no silêncio a fim de manter a proteção de seus desejos, e os que irão contestar através da palavra, o que é pouco tolerada pelas instituições. Existem também os que resistem ao apagamento dos traços individuais, usando do ódio ou pirraça. Desta forma, há vários sintomas que surgem como respostas para aquilo que jamais se institucionaliza em cada asilado – o particular (Mucida, 2006).

Metodologia:

O trabalho foi realizado no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), sob a forma de acompanhamento de moradores de uma instituição asilar de uma cidade do noroeste Paulista, que abrigava, no período do estudo, um total de 16 idosos de ambos os sexos e idades entre 67 e 92 anos.

As atividades propostas levaram em consideração algumas delimitações causadas por mudanças biológicas associadas ao envelhecimento, tais como: incapacidade de acomodação (presbiopia); redução da velocidade motora; mais tempo para aprender material novo; diminuição da capacidade de codificação; maior possibilidade de arritmias. Propôs-se, pois, utilizar do diálogo como instrumento de mediação, pois embora haja a perda de audição de sons de alta frequência, a capacidade verbal é mantida com a idade (tabela 2.5-2/Sadock, 2007).

Foi realizado um total de quatro encontros, que ocorriam uma vez por semana durante o mês de julho do ano de 2010. Participavam das atividades os idosos que aceitavam o convite, duas graduandas de Psicologia, sendo uma ouvinte e a outra responsável por elaborar e conduzir as atividades que seriam desenvolvidas, uma psicóloga a fim de avaliar as atividades propostas e auxiliar durante a execução das mesmas e ainda uma moradora da instituição de 52 anos, que mesmo não sendo considerada idosa, participou do grupo como forma de inclusão. Todas as atividades eram articuladas e discutidas antes com a psicóloga.

No primeiro dia nos apresentamos, esclarecemos o motivo de estarmos ali, nossos objetivos e convidamos todos a participar. Cinco pessoas aceitaram o convite. A atividade proposta foi a dinâmica do barbante. O barbante passava por cada participante que era responsável por contar um pouco sobre si (nome; idade; porque estava ali; o que achava do asilo; se tinha família...) com o objetivo de conhecer a realidade de vida de cada integrante e promover a integração e a troca entre eles, sendo possível realizar uma reflexão sobre as angústias, frustrações e desejos de cada um, levando-os a considerar que naquele momento o barbante representava a união entre eles, já que não se conquista objetivos isoladamente. Na volta do barbante ao pedir que propusessem o que gostariam de discutir no próximo encontro, a maioria do grupo mostrou interesse em trabalhar aspectos negativos e positivos de sua vida.

No segundo encontro, foi proposta então, a dinâmica do papel branco e preto. Primeiramente foi distribuído o papel preto e pedido que cada um dos seis participantes falasse sobre algum acontecimento ruim de sua vida. Em seguida foi apresentada uma caixa na qual deveriam colocar o papel preto depois de rasgá-lo, ressaltando que tudo aquilo de ruim estava sendo deixando para trás. Posteriormente, foi entregue um papel branco a cada um e a mesma sequência foi feita como no papel preto, porém neste caso, foi pedido que falassem sobre algo bom que ocorreu em suas vidas e que guardassem este papel. Após o término da atividade, foi explicado todo o sentido da dinâmica, salientando que tudo de ruim deveria ser jogado fora e deixado para trás, como fizeram com o papel preto, e que as boas lembranças deveriam permanecer para sempre, como o papel branco. Ao final do encontro foi lida uma mensagem (Os Nove Passos do Perdão - Dr. Fred Luskin) com o objetivo de facilitar a elaboração dos rancores e mágoas verbalizados durante atividade, permitindo consequentemente, novos investimentos libidinais. A fim de auxiliar o insight de novos

investimentos, foi pedido que para a próxima semana trouxessem qualquer objeto que representasse algo muito importante em sua vida.

No penúltimo dia, seis pessoas participaram da atividade, sendo que quatro trouxeram algum objeto, como proposto no último encontro. Para os que não trouxeram nada, pediu-se que pensassem em um objeto importante e falassem sobre ele. Foi reservado então um tempo para que cada um explicasse por qual motivo aquilo que trouxeram, ou pensaram, representava algo importante para eles.

Para finalizar as atividades foi pedida a orientação da nutricionista responsável por elaborar o cardápio da instituição, a fim de informar qual o tipo de alimentação adequada para os idosos, com o objetivo de encerrar as atividades com uma festa de despedida, fato que ocorreu com a participação de todos os institucionalizados e a equipe de trabalho.

Resultados e Discussão:

Na realização das atividades os participantes foram, em sua maioria do sexo feminino, sendo que em apenas uma atividade houve a participação de um homem.

Houve relatos interessantes e emocionantes pelos quais podemos compreender a realidade dos idosos em questão.

Em uma das atividades propostas, quando perguntado a uma senhora “L” de 92 anos, o que achava do asilo, ela usou como resposta um ditado bastante interessante: “boca fechada não entra mosca” demonstrando assim a pouca comunicação que há entre a equipe e os idosos. Neste momento fica clara a questão da normatização das instituições asilares, já discutida anteriormente por Mucida (2006), que leva ao apagamento dos traços particulares e formação de alguns sintomas que buscam escrever o particular, como por exemplo, o silêncio – utilizado por “L” com o objetivo de manter a proteção de seus desejos.

Outro acontecimento relevante refere-se à senhora “A”, que desde a primeira atividade relatou sobre a traição do marido e a mágoa que sentia por isso. Contudo durante a execução da segunda dinâmica “A” ressaltou que sua pior experiência foi a traição do marido, e que o melhor momento de sua vida foi o seu casamento. Quando indagado o porquê disso, ela respondeu: “... porque eu pensei que tava casando com um homem que prestava”. A mesma trouxe como objeto de importância, no terceiro encontro, uma foto dela com seu marido e filho mais velho. Em todos os momentos “A” pareceu bastante contraditória, pois ao mesmo tempo em que reclamava sobre a vida que havia levado junto ao marido, lembrava-se dele ao falar de acontecimentos bons e importantes. Freud em 1920 (apud Mucida 2006) afirmou que existe uma repetição que vai além do princípio do prazer e repete-se apesar da dor, o que foi observado no caso de “A”, percebendo-se muitas vezes que a pulsão de morte sobressaía-se sobre a pulsão de vida. Não encontrando meios de elaboração para estas questões, “A” fantasia um marido ideal.

Durante as atividades muitas histórias foram contadas repetidas vezes, o que é de extrema importância, pois Segundo Mucida (2006), muitos idosos atualizam seu passado pelas lembranças, contando as mesmas histórias várias vezes, sendo que essa revivência representa uma forma importante de investimento na vida.

Conseguimos um bom contato com os idosos que participaram das atividades, porém no começo apresentaram certa resistência, desconfiando dos motivos pelos quais os psicólogos estavam ali e porque queriam conversar com eles, demonstrando assim, o equívoco que se tem do profissional de psicologia.

Considerações finais:

Finalizando, o envelhecimento é um processo que acompanha o indivíduo do nascimento à morte e a velhice é um momento específico deste processo marcado por diferentes mudanças, sejam elas físicas funcionais ou psicossociais.

Atualmente, o idoso que se encontra desatualizado; fora do mercado de trabalho e da rapidez que o mesmo exige; que está fora do imperativo do novo - tão valorizado pela sociedade atual - e desvalorizado em seu saber, tende a experimentar o desamparo cruel, tendo como alternativa apenas apostar naquilo que não se globaliza – aquilo que o constitui como sujeito.

O fenômeno do envelhecimento está cada vez mais presente nos dias de hoje, o que torna relevante estudar mecanismos que ajudem esta população a ter uma vida mais digna e de qualidade, voltando a atenção tanto para as necessidades dos idosos quanto para as instituições que os abriga.

O presente trabalho desenvolvido com os idosos foi extremamente rico, permitindo observar na prática a veracidade que os teóricos trazem na teoria sobre o tema, tais como: a desvalorização do saber do idoso; sentimento de abandono e desamparo; comunicação pouco tolerada pelas instituições; apagamento dos traços individuais; relatos das mesmas histórias e equívoco para com o profissional de psicologia.

Referências bibliográficas:

1. BRASIL, Decreto – lei 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Brasília, 2003. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 02 nov. 2010.
2. COMPÊNDIO DE PSIQUIATRA: CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO E PSIQUIATRIA CLÍNICA. Porto Alegre: Artmed, 2007.
3. IBGE. Síntese de Indicadores Sociais Uma Análise Das Condições de Vida da População Brasileira. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicadores2009/indic_sociais2009.pdf Acesso em: 10 nov. 2010.
4. LUSKIN, Frederic. **Os nove passos do perdão**. Disponível em: <http://somostodosum.ig.com.br/blog/blog.asp?id=9277> Acesso em: 08 dez. 2010.
5. MAFFIOLETTI, V. L. R. Velhice e família: reflexões clínicas. **Psicol. Cienc. Prof**, Brasília, v. 25 n.3. Set, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S141498932005000300002&script=sci_arttext&tlng=en Acesso em: 08 nov. 2010.
6. MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece** – Psicanálise e velhice. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
7. PERLINI, N. M. O. G., LEITE, M. T., FURINI A. C. Em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados por familiares. **Rev Esc Enferm**, USP, v. 41 n 2 : 229-36, 2007. Disponível em: http://74.125.155.132/scholar?q=cache:TwYiZptyUvQJ:scholar.google.com/+Em+busca+de+uma+institu%C3%A7%C3%A3o+para+a+pessoa+idosa+morar:+motivos+apontados+por+familiares&hl=pt-BR&as_sdt=2000 Acesso em: 02 nov. 2010.
8. SIQUEIRA, R. L; BOTELHO M. I. V e COELHO F. M. G. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro v.7 n.4, 2002. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232002000400021&script=sci_arttext. Acesso em: 29 out. 2010.

9. SOUZA, J. A. V., FREITAS, M. C. e QUEIROZ. T. A. Violência contra idosos: análise documental. **Rev. HTTP**. Enferm. Brasília, v. 60 n.3. Mai/Jun, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000300004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 10 nov. 2010.

10. TORRES, Stella Vidal. Souza; GASPARETTO SÉ, Elisandra Villela e QUEROZ Nelma. Caires. Fragilidade, Dependência e Cuidado: Desafios ao Bem-Estar dos Idosos e de suas Famílias. In: DIOGO, Maria José D'Elboux; NERI, Anita Liberalesco e CACHIONI, Meire (Org). **Saúde e qualidade de vida na velhice**. Campinas: Alínea, 2004, p. 87 – 106.

Recebido em 06/07/2011

Aceito em 15/11/2011